AMOSTRA DE LEITURA

O Cansaço Silencioso da Loja Maçônica

Uma leitura psicológica e iniciática sobre a vitalidade, o pertencimento e a produção de sentido na vida coletiva

Paulo Cesar T. Ribeiro

SUMÁRIO DO LIVRO

Dedicatória
Agradecimentos
Prefácio
Nota introdutória
Pórtico — a loja que se parece com as pessoas

MOVIMENTO I
Reconhecer: como o cansaço se forma

1. A diferença entre decadência e cansaço
2. O Irmão que ainda comparece, mas já não espera nada
3. O rito perfeito e a alma ausente
4. As mesmas vozes de sempre
5. A perda do encontro humano

MOVIMENTO II
Compreender: por que o vínculo se rompe

6. O vínculo, e não o entusiasmo
7. O álibi da idade
8. A tradição como chama e como vidro
9. A consolação esotérica
10. O paradoxo narcísico da Ordem
11. O dono da loja e a cadeira do Venerável
12. O hóspede que não desfez as malas

MOVIMENTO III
Voltar a viver: reverter o processo

13. Antes de mudar, escutar
14. Devolver a cada um o seu lugar
15. Mais sentido, não mais sessões
16. Abrir a roda: repartir a carga sem ressentimento

Fecho
Apêndice
Sobre o autor
Livros do autor

DEDICATÓRIA

Aos meus Irmãos

àqueles que, noite após noite, ainda cruzam a soleira do Templo esperando sair menos ásperos do que entraram. É por eles, e pela chama que teimam em manter acesa, que a Ordem permanece viva.

Que a Arte Real não canse de desbastar homens; e que os homens, uma pedra polida de cada vez, não cansem de erguer um mundo melhor.

PREFÁCIO

O prefácio que vem do norte.

Com o coração pejado de alegria e senso de responsabilidade recebi do Irmão e Confrade Paulo Cesar, o honroso convite para prefaciar seu mais recente livro. A obra “O Cansaço Silencioso da Loja Maçônica” nasce de um artigo homônimo que despertou ampla repercussão e obteve mais de dez mil visualizações somente no site Maçonaria com Excelência.

O seu subtítulo: “Uma leitura psicológica e iniciática sobre a vitalidade, o pertencimento e a produção de sentido na vida coletiva”, aponta a direção e conduz o leitor a refletir sobre o convívio entre os Irmãos.

Com uma abordagem mais densa e completa do que no artigo, o Irmão e Confrade Paulo Cesar investiga as causas do esvaziamento das lojas através de uma análise psicológica profunda sobre um tema preocupante e que vem sendo constantemente debatido, o crescente fenômeno da evasão maçônica.

Dentre os vários pontos abordados na obra, destaca-se a constatação de que até mesmo lojas aparentemente vigorosas, com quadros ativos e calendários regulares, podem ocultar um esvaziamento silencioso, marcado pela perda da expectativa, pelo enfraquecimento dos vínculos fraternos e pela acomodação que se instala sem ser percebida.

O autor acende um sinal de alerta que merece ser considerado com atenção e muitos Irmãos ainda não percebem, a mensagem é inequívoca: a vitalidade da Ordem repousa, sobretudo, na qualidade dos vínculos cultivados entre os Irmãos.

A Maçonaria pode ser definida como uma fraternidade iniciática, escola filosófica de moral e aperfeiçoamento humano, que transmite seus ensinamentos por meio de símbolos e alegorias.

Decidir iniciar na Maçonaria é um dos mais importantes atos na vida do candidato. Cada indivíduo é um ser único e carrega consigo seus anseios, objetivos, medos e expectativas. Há uma máxima segundo a qual, quanto maior a expectativa, maior tende a ser a decepção.

Não são poucos os Irmãos que estão se afastando da loja por vários motivos e acabam se decepcionando, não necessariamente com a Ordem, mas com atitudes de alguns maçons que não são condizentes com os ensinamentos maçônicos, revelando que em determinados momentos, estamos mais erguendo muros do que construindo pontes entre os Irmãos.

O Irmão e Confrade Paulo Cesar nos mostra, com admirável lucidez e apurada sensibilidade clínica, que muitas de nossas Lojas, embora laboriosas e operantes, convivem com desafios que, por sua natureza silenciosa, passam despercebidos. O silêncio é tão profundo que chega a ser ensurdecedor.

Permanece aberta a possibilidade de a loja cansada restabelecer o autêntico espírito de fraternidade entre seus membros, com coragem para encarar os problemas e ouvir verdadeiramente os obreiros.

Ler este livro é refletir sobre o presente e o futuro de nossa Ordem. Que esta obra inspire cada Irmão a reencontrar o sentido mais profundo da vivência em Loja, fortalecendo os laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros Irmãos e renovando o compromisso assumido no dia de sua iniciação. Que o entusiasmo dos primeiros passos na Maçonaria continue a iluminar a caminhada daqueles que jamais deixaram de acreditar em seu poder transformador e que, ao final de cada sessão, possam retornar ao mundo profano melhores do que quando adentraram o Templo.

Vanderlei Coelho, 33º
Presidente de honra da Academia Maçônica de Letras de Rondônia (AMLRO)

NOTA INTRODUTÓRIA

Este livro nasceu de um artigo.

Escrevi-o há algum tempo, com o título que agora dá nome a estas páginas, sem imaginar o que viria depois. Para minha surpresa, ele se espalhou por muitos sítios e periódicos da Ordem e foi lido por mais de doze mil Irmãos, de lojas, Potências e Orientes que eu jamais visitei. E, o que mais me tocou, muitos deles me procuraram: escreveram, telefonaram, quiseram conversar. Contaram-me as suas próprias lojas, o que as anima e o que as esvazia, as suas esperanças quanto ao futuro da Ordem. Foi ouvindo essas vozes que percebi que um artigo não bastava. Este livro é, em boa medida, o desdobramento daquela conversa — e uma tentativa de devolvê-la, ampliada, a quem a começou comigo.

Devo, ao leitor, dois esclarecimentos antes de começarmos.

O primeiro é sobre o método. Uso, ao longo do livro, uma linguagem que é a do meu ofício — falo em diagnóstico, em sintoma, em cansaço, em cura, e trato a loja como se ela tivesse uma vida psíquica, humores, defesas, uma alma que adoece ou floresce. Peço que se entenda isso pelo que é: um instrumento de leitura, e não uma pretensão. Não proponho diagnosticar lojas como se fossem pacientes deitados num

divã. Sirvo-me da linguagem clínica porque ela ajuda a enxergar fenômenos que são, no fundo, humanos — os fenômenos que, quando compartilhados por um grupo de homens, passam a compor aquilo que chamo de o clima psíquico de uma Oficina. A loja não é uma pessoa; mas é feita de pessoas, e adoece pelos mesmos lugares por onde as pessoas adoecem.

O segundo é para o leitor que não é maçom, e que talvez tenha chegado a estas páginas por outro caminho. Embora tudo aqui se passe dentro de uma loja maçônica, e fale a língua da Ordem, este não é, no fundo, um livro apenas sobre a Maçonaria. É um livro sobre o que mantém viva — ou deixa morrer por dentro — qualquer comunidade de homens. A igreja que se frequenta, a instituição a que se pertence, a empresa em que se trabalha, a família que se herdou, o casamento que ainda cumpre calendário sem cumprir encontro: todos conhecem, à sua maneira, o cansaço silencioso de que aqui se trata. A loja é o meu caso particular, belíssimo e simbólico, de uma pergunta que é de todos.

Feitos esses avisos, cruzemos a soleira. O que vem a seguir é, antes de tudo, uma conversa — a mesma que começou naquele artigo, e que, felizmente, ainda não terminou.